

“Depois dos quinze”: discursos sobre corpos entre mulheres jovens no ciberespaço¹

“After the fifteen”: discourses on bodies among young women in cyberspace

“Después de los quince”: discursos sobre cuerpos entre mujeres jóvenes en el ciberespacio



Letícia Rocha Moreira

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil
e-mail: lermoreira@yahoo.com.br



João Paulo Fernandes Soares

Universidade Federal de Juiz de Fora, Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil
e-mail: joaopaulosoaresuffj@gmail.com



Ludmila Mourão

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil
e-mail: mouraoln@gmail.com

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar os discursos produzidos por mulheres jovens no *blog* “Depois dos Quinze”. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso na internet, que utilizou a análise de conteúdo para a categorização dos discursos das jovens. No *blog* pesquisado observaram-se constantes trocas sobre inúmeras temáticas que interpelam as jovens frequentadoras, destacando-se o corpo como tema central nesse cenário. Verificaram-se processos de empoderamento dos sujeitos construídos a partir de discursos de resistência e resignificação de padrões corporais hegemônicos. É a partir da identi-

¹ Este trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado e contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

ficação de diferenças expressas no corpo que elas vão se constituindo como um grupo identitário, uma cultura de resistência.

Palavras-chave: Juventude. Mulheres. Ciberespaço.

Abstract: This study aims to analyze the discourses produced by young women in the blog “Depois dos Quinze” (After Fifteen). This paper contains a qualitative research, of the case study type which uses content analysis for the categorization of the discourses of the young women. In the blog there have been constant exchanges on numerous themes that challenge the young women who participate in the interactions, and the body stands out as the central theme in this scenario. There were processes of empowerment of the individuals constructed from discourses of resistance and re-signification of hegemonic body patterns. It is from the identification of differences expressed in the body that they are becoming an identity group, a culture of resistance.

Keywords: Youth. Women. Cyberspace.

Resumen: El presente estudio tiene como finalidad analizar los discursos producidos por mujeres jóvenes en el blog Después de los Quince. Se trata de una investigación cualitativa, del tipo estudio de caso en Internet que utilizó el análisis de contenido para la categorización de los discursos de las jóvenes. El blog se observaron constantes cambios sobre innumerables temáticas que interpelan las jóvenes frequentadoras y se destaca el cuerpo como tema central en este escenario. Se verificaron procesos de empoderamiento de los sujetos construidos a partir de discursos de resistencia y resignificación de patrones corporales hegemónicos. Es a partir de la identificación de diferencias expresadas en el cuerpo que ellas se van constituyendo como un grupo identitario, una cultura de resistencia.

Palabras clave: Juventud. Mujeres. Ciberespacio.

Submetido em: 28-12-2018

Aceito em: 23-10-2019

Introdução

Os jovens constituem culturas que lhes permitem construir suas identidades. Apesar de todos os limites dados pelo lugar social que ocupam, eles amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida. Manifestam também, através do corpo e do seu visual, as marcas da diversidade (DAYRELL, 2007).

Definir juventude é um desafio, pois os critérios históricos e sociais que a constituem e significam são contingentes e complexos. Para construir a noção de juventude, não se revela interessante ater-se a parâmetros etários rígidos, e sim vislumbrar os processos culturais pelos quais as experiências vividas pelos sujeitos são significadas e expressam suas visões de mundo² sobre um tempo histórico específico .

Nesse sentido, a juventude, como categoria social e geracional, constitui-se em relevante lócus de reflexões sobre as relações, os conflitos e as dinâmicas sociais (WELLER, 2005). Assim, cabe expor a pluralidade das juventudes possíveis em uma dada cultura, visto que os marcadores de diferenciações sociais, como gênero, classe social, raça/etnia, geração, dentre outros, demarcam a especificidade das experiências dos sujeitos e as formas como eles transitam e são subjetivados em suas relações sociais.

Entretanto, notam-se teorizações no sentido de “agrupar” tal pluralidade em um unívoco sentido de juventude, a chamada geração Y. Segundo essa proposta, o termo “geração Y” surgiu nos Estados Unidos para definir as características e hábitos dos jovens que nasceram entre as décadas de 1980 e 1990 (KRÜGER; CRUZ, 2004; CARLI *et al.*, 2011). Essa geração seria identificada pela curiosidade, questionamentos, extrema informação, grande conhecimento de línguas (principalmente o inglês), criatividade, busca de novas experiências e padrões informais. Necessitariam também

² O conceito de visão de mundo diz respeito ao “quadro que os sujeitos de uma determinada cultura elaboram as coisas como elas são na simples realidade, seus conceitos de si mesmos e de aspectos da sociedade em que vivem” (GEERTZ, 2008, p. 93).

de constante reconhecimento, individualidade, almejaríamos conexões e comunicação incessantes, projetos pessoais de prazos curtos e imediatos, foco em resultados, além de apresentarem alta rotatividade em empregos (OLIVEIRA, 2010).

Cabe questionarmos de que sujeitos se está falando quando é apresentada tal caracterização. É possível “aprisionar” as experiências geracionais dos sujeitos a uma forma única de expressão e significação de juventude? O que está em disputa nessas proposições? Como compreender as experiências dos sujeitos jovens na *web* a partir dessa pluralidade?

Assim, seguindo Bourdieu (1983), as juventudes serão aqui compreendidas como construções culturais históricas, que expressam e fazem circular significados culturais comuns a determinados grupos de sujeitos que se identificam a partir das partilhas e trocas simbólicas, independentemente de sua idade cronológica. Nesse sentido, a partilha desses significados faz emergir unidades geracionais específicas, que se identificam como jovens e que são atravessados e interseccionados pela complexa teia de significados de gênero, classe social, raça/etnia, dentre outros marcos de diferenciação social.

Nesse sentido, nos afastaremos de qualquer proposição teórica que “unifique” ou vise “padronizar” caracterizações ou as experiências dos sujeitos jovens, o que nos remete à pluralidade das juventudes na contemporaneidade.

No caso das juventudes aqui investigadas, nota-se uma ligação e apropriação estreita das Tecnologias de Informação e Comunicação³ (TICs), o que as/os insere em contextos culturais midiáticos construídos na cibercultura⁴, onde não há separação entre a dimensão virtual e a dimensão não virtual em seu cotidiano (SANTAELLA, 2003).

3 As Tecnologias da Informação e Comunicação interagem com a economia e a sociedade, possuindo as seguintes características: são tecnologias para agir sobre a informação; penetrabilidade das novas tecnologias; lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações; flexibilidade; crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado (CASTELLS, 1999).

4 O ciberespaço é o meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo não significa apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam nesse universo e o alimentam (LÉVY, 2010).

Assim, falamos de uma cibercultura que está ligada aos códigos, símbolos e normas do virtual, o que ocorre tanto de forma direta (pela digitalização da informação), como indireta (pelo desenvolvimento das redes digitais interativas). Com isso, o ciberespaço permite e estimula um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da simultaneidade de tempos (LÉVY, 2010).

Tendo em vista que as mídias eletrônicas se apresentam como meios tecnológicos que têm criado e sugerido comportamentos, interferindo nos processos culturais, destaca-se neste estudo o *blog*⁵, meio de comunicação utilizado na *web* que tem tido relevância entre os grupos jovens, influenciando condutas e trocas simbólicas ligadas aos gostos, opiniões, sentimentos, afetos e outras experiências culturais. Nesse sentido, os *blogs* se apresentam como *locus* privilegiado de observação de culturas juvenis na contemporaneidade, em seus processos de afiliação, resistência e empoderamento. Além disso, alguns *blogs* fazem circular uma infinidade de significados ligados a mercados de consumo e a investimentos corporais, como moda, cosméticos, exercícios físicos, dietas, dentre outros.

A partir dessas considerações, este trabalho tem como objetivo analisar os discursos⁶ sobre corpos e seus desdobramentos entre mulheres jovens, a partir de uma pesquisa realizada no ciberespaço, que teve como campo de investigação o *blog* “Depois dos Quinze”⁷.

5 Blogs, weblogs, blogues ou cadernos digitais são páginas na internet onde regularmente são publicados textos, fotos, imagens, músicas ou vídeos, que podem ser dedicados tanto a um assunto específico, como a temas gerais. Podem ser mantidos por uma ou várias pessoas e normalmente disponibilizam espaço para comentários dos seus leitores. Blogueiro é o nome dado a quem publica num blog; blogosfera é o conjunto de blogs (TAKAHASHI, 2000).

6 “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (FOUCAULT, 1971, p. 2).

7 Disponível em: <http://www.depoisdosquinze.com>. Acesso em: 17 fev. 2017.

Percursos metodológicos

Este é um estudo qualitativo descritivo em que se utilizou o método de estudo de caso⁸, realizado no espaço virtual, onde foram captados discursos que expressam as experiências construídas nesse campo específico de relações sociais: o *blog* “Depois dos Quinze”⁹.

Ao longo da pesquisa de campo, selecionamos cinco postagens privilegiadas que tematizam os debates sobre corpo: “Como descobri que nunca fui gorda”; “O reflexo e eu”; “Corpão”; “Superando os próprios preconceitos”; “Look: Garfield Del Rey”.

O estudo de caso realizado no *blog* revelou que esses temas discutidos nas postagens têm grande repercussão entre suas seguidoras, havendo postagens com mais de 500 comentários, o que evidencia a motivação e forte interação dos seguidores com o tema no *blog*. A identificação pelo nome revelou que a maioria dos comentários foi escrita por mulheres.

A análise dos comentários das jovens realizou-se a partir da avaliação da comunicação transmitida nos comentários ponderados, pois trata da informação contida nas mensagens fazendo uma análise dos significados abrangidos.

Assim, a partir do trabalho com os comentários, emergiram núcleos de sentido nos discursos, verificando-se a prevalência de práticas discursivas de resistência e empoderamento, por meio das quais as jovens criam formas de “resistir” aos padrões de beleza expostos pela mídia e pela sociedade de modo geral.

8 O estudo de caso é uma investigação empírica que avalia um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2001, p. 32).

9 O *blog* “Depois dos Quinze” foi selecionado por sua popularidade nesse campo. Ele foi criado pela blogueira Bruna Vieira em 2008. No período em que se realizou esta pesquisa (2013/2014), o *blog* tinha mais de 500.000 seguidores na rede social Facebook e costumava apresentar em torno de sete postagens diárias, as quais eram escritas por Bruna e seus colaboradores.

As postagens e as repercussões das seguidoras: discursos e resistências

Todas as cinco postagens são escritas por mulheres jovens e tratam de assuntos que interpelam o que, para esse grupo, demonstrou ser relevante: normas corporais diversas. As produções discursivas caminham no sentido de destacar a importância de aceitarem suas medidas e seus cuidados com o corpo, dentre outros posicionamentos apontados ao longo das postagens.

[...] As magras sempre tiveram a sorte de serem as queridinhas dos estilistas nas passarelas, então está na hora de nós sermos as queridinhas de nós mesmas. Tire da cabeça seus padrões photoshopados e pense no SEU corpo. Convido você agora a olhar pra sua pancinha e amá-la macia e deslumbrante como ela é. O mundo não é perfeito, tem gente magra querendo engordar e gente gorda querendo emagrecer. Só que se a gente conseguir ver beleza no que é considerado “imperfeição” acredito que estaremos cada vez mais perto da felicidade. (Como descobri que nunca fui gorda – Luisa Clasen, 01/06/2013).

[...] Não é fácil assumir o nosso corpo. A genética não é amiguinha de todos os seres que habitam esse planeta, ou seja, nem todo mundo emagrece ou engorda com a mesma facilidade que você. Para falar a verdade algumas pessoas nem se importam tanto assim com isso. Já parou pra pensar que elas podem priorizar coisas diferentes? Quem somos nós pra julgar, não é mesmo? (Look: Garfield Del Rey – Bruna Vieira, 17/12/2013)

[...] A minha vida começou a girar em torno de uma magreza que ainda não existia e eu percebi que estava deixando de aproveitar a vida. E aos poucos eu fui tentando superar o fato de que eu nunca seria perfeita. Acho muito importante que as pessoas se cuidem, façam exercícios, comam de forma saudável, até porque nossa saúde exige isso. Mas porque se torturar e

deixar de fazer certas coisas, simplesmente porque você não acha que se encaixa naquele padrão de corpo? [...]. (Superando os próprios preconceitos – Maria Lenke, 21/10/2013)

É perceptível que as postagens selecionadas são tensionadas pelos padrões estéticos de beleza e magreza difundidos pelos meios de comunicação e reproduzidos pela sociedade. Porém, seus discursos trazem ressignificações que “rompem” com o padrão hegemônico, uma vez que, de certa forma, procuram trazer novos sentidos sobre o corpo, resistindo a um único padrão.

O processo observado nos comentários postados no *blog* supera a visão de corpo apresentada no estudo de Andrade (2003) sobre saúde e beleza dos corpos femininos, em que a mídia, a publicidade e a indústria (cosmética, da moda, *fitness*) transformam o corpo em um artefato do mercado econômico/social/cultural, com estereótipos criados e propagados pela sociedade, incitando o público consumidor, principalmente o feminino, a tornar-se “escravo” de uma suposta “ditadura da beleza” e da cultura *fitness*.

Esses tensionamentos acontecem devido ao empoderamento dessas jovens, um processo por meio do qual “indivíduos e grupos sociais ampliam a capacidade de configurar suas próprias vidas, a partir de uma evolução na compreensão sobre suas potencialidades e sua inserção na sociedade” (FREIRE FILHO, 2007, p.17). Isso é perceptível nos seguintes trechos das postagens do *blog*:

[...] Eu dançava ballet, ao lado de várias colegas magérrimas. Ia comprar meia-calça e collant e sempre me frustrava com os tamanhos: o que era tamanho único ficava super apertado e os Gs pareciam Ms. No começo, foi a força de vontade de me ajudou a continuar. Depois, foram os resultados. [...] Indo pro Rio de Janeiro direto, descobri que lá não estou nem perto de ser gorda! Como pode mudar tanto assim? Assim como eu sou gorda em Curitiba e ~gostosa~ no Rio, as meninas que “magras demais” lá, seriam as maiores gatas aqui. (Como descobri que nunca fui gorda – Luisa Clasen, 01/06/2013)

[...] Talvez isso demore a acontecer. Talvez a gente demore a se aceitar completamente. Talvez a gente nem faça as pazes, de verdade, com o espelho. Mas dá sempre para mudar o corte, pintar o cabelo, fazer ginástica, mudar a alimentação ou até uma plástica como medida drástica. Mas tranquilidade mesmo, a gente só consegue quando se aceita. [...] (O reflexo e eu – Karine Rosa, 09/09/2013)

Para Goellner (2008), a cultura *fitness* é uma instância que atua na educação e produção dos corpos, o que, em nosso caso, representa uma das possibilidades voltadas ao cuidado de si disseminado entre as jovens. A autora denomina como cultura *fitness*

[...] um conjunto de dispositivos que operam em torno da construção de uma representação de corpo que conjuga como sinônimos, saúde e beleza, associando-as a termos representados como plenos de positividade, dentre eles, “bem-estar”, “qualidade de vida” e “vida saudável”. O universo da cultura *fitness* envolve uma multiplicidade de intervenções que abrange muito mais que a atuação específica das academias de ginástica e de outros espaços destinados à exercitação física. (GOELLNER, 2008, p. 247).

A cultura *fitness* conduz as mulheres, de forma quase convincente, a concordarem com suas prescrições, segundo as quais a referência de beleza é encontrada facilmente nos discursos e imagens que circulam na sociedade, levando a mulheres a fazerem o possível e o impossível para se aproximarem de um padrão idealizado. Nesse sentido, a cultura *fitness* e o culto das aparências seriam fatores determinantes na grande obsessão pelo belo nas mulheres de forma geral. (GOELLNER, 2008).

Em oposição, observamos um protesto contra os significados sociais preestabelecidos em relação ao corpo feminino, quando essas jovens mulheres encontram espaços para os cuidados de si, que as empoderam, levando-as a pensar que podem ser e fazer o

que quiserem com seus corpos, independentemente das “imposições” sociais.

A avaliação dos *posts* e dos comentários das seguidoras revela que o *blog* analisado é uma ferramenta para trocas de ideias e experiências entre essas jovens, que almejam se aceitar e serem aceitas pela sociedade, cujos padrões de beleza acabam por gerar formas de “prisão” para a maioria das mulheres.

De acordo com Silva (2001), o cuidado com o corpo torna-se uma exigência a ser seguida, desenvolvendo uma ditadura sobre corpo propagada pela mídia por meio de imagens idealizadas de corpos que devem ser consumidos e seguidos. Percebe-se, assim, que as jovens formam uma cultura de resistência, na qual elas passam a compor um grupo de estilo que se importa mais com a saúde e os hábitos saudáveis do que com o “padrão” socialmente exigido de corpo. Esse grupo também se aconselha e se empodera através de suas diferenças, admitindo que coexistem vários corpos na sociedade.

O espaço do *blog* proporciona anonimato e uma “distância” física; talvez por esse motivo as jovens se sintam à vontade para emitirem suas opiniões, questionando e reivindicando seus espaços na sociedade, como se pode observar nos seguintes comentários:

“Aprendi com o tempo que a gente só fica mal se quiser, eu me achava feia e me sentia excluível mais nunca tinha parado na frente do espelho pra enxergar o que havia de bom em mim, comecei a ver que pra tudo tem um jeito e que eu poderia valorizar tudo o que eu tinha de bom. Eu mudei e descobri quem eu realmente era, eu passei a me amar e se amando você se cuida e ve que você é bonita sim do jeitinho que você é!” (O Reflexo e Eu –Andressa Maia, 09/09/2013).

“Chorei durante e ao final do texto. Não sou o tipo de garota que chama a atenção por onde passa, e não falo isso só pelo meu ‘corpão’, falo isso ‘pq’ eu me porto assim, ombros caídos e olhar

para o chão, me sinto confortável assim no anonimato. Não sou melhor nem pior que ninguém por ser assim [...]” (Corpão – Ana Paula, 13/09/2013).

“Verdade. Muito bom este texto. E na verdade, a sociedade ditou isso, assim como você falou, hoje em dia podemos ver uma quantidade maior de pessoas falando de *plus size*, por exemplo, mas antes e até atualmente nenhuma revista de moda brasileira colocou uma na capa. Eles querem as magras. A televisão ensina isso, os lugares que passamos ensina isso”. (Superando os próprios preconceitos - Jéssica Carvalho, 21/10/2013).

A reflexão sobre os comentários postados revela uma aceitação das jovens como forma de resistir ao padrão de beleza hegemônico ditado socialmente e de se manterem saudáveis emocionalmente. Apesar de existir uma aparente insatisfação corporal, elas encontram no *blog* um espaço privilegiado de escape e de troca, no qual externam suas angústias, aflições, superações e, sobretudo, questionam o que está estabelecido como paradigma de corpo, a alimentação e os cuidados de si. Elas subjetivam o seu corpo diferentemente do padrão social, se aceitam e, mais do que isso, se valorizam; e os cuidados de si são inseridos nessa perspectiva de corpo, construindo novas formas de felicidade.

A experiência de si é uma forma de prazer consigo mesmo, ou seja, “alguém que conseguiu, finalmente, ter acesso a si próprio é, para si, um objeto de prazer. Não somente contenta-se com o que se é e aceita limitar-se a isso, como também ‘apraz-se’ consigo mesmo” (FOUCAULT, 2005, p. 70).

Percebemos, portanto, que essas jovens estão em busca da experiência de si através de seus corpos, pois esse “é um estado que não é acompanhado nem seguido por nenhuma perturbação no corpo e na alma [...]; ele nasce de nós e em nós mesmos” (Idem, 2005, p. 71). Portanto, essa experiência de si está vinculada ao prazer que se tem consigo mesmo através de seu corpo e sua aparência.

Algumas jovens aconselham as outras a não se importarem com comentários depreciativos com relação ao seu corpo:

“[...] As pessoas sempre me criticam por ser magra e não ter muita coxa, mas não estou nem ligando, sou feliz assim mesmo. Temos que aceitar nosso corpo do jeitinho que ele é, quem tem que gostar somos nós e não os outros [...]” (Amanda, 13/09/2013 - Corpão).

“[...] Chega de encanação com o que os outros vestem, com regras que devemos seguir, um corpo bonito não é sinônimo de conteúdo, de saúde, de felicidade! [...]” (Nayara Fernandes, 17/12/2013 – Look: Garfield Del Rey).

Com esses comentários, percebemos que elas passam a formar, mesmo que sem se conhecerem, um grupo de sociabilidade, o qual possibilita que elas se aconselhem entre si e superem os preconceitos que cada uma sofre, incluindo as próprias blogueiras nessa rede de formadores de novas identidades juvenis femininas voltadas ao corpo.

Assim, as jovens encontram no espaço virtual um local de troca de experiências e vivências, fazendo do *blog* um espaço de encontro de amigas no qual elas se ajudam, externam suas angústias, aflições, derrotas e vitórias e, sobretudo questionam o que está apresentado como paradigma para o corpo.

Algumas jovens, em seus comentários, definiram como seria o “corpo ideal” de uma brasileira. De acordo com elas, as mulheres “ideais” no Brasil devem ter quadril e coxas grandes para estarem dentro desse padrão, que é chamado por algumas de “biotipo brasileiro”, como podemos observar nos seguintes comentários:

“Amei o texto, porque eu também tenho esse biotipo de brasileira, pernã, bundão tudo ‘ÃO’ ‘haushaas’ [...]” (Aline Sena, 02/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda).

“[...] Sou a tal da ‘falsa magra’, só tenho as pernas e o quadril largo, mas nunca me amei assim, embora todas as minhas amigas e pessoas em volta digam que tenho o corpo da mulher brasileira, e que não sou gorda, mas ‘gostosa’[...]” (Débora Thalita, 03/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda).

Ao lermos esses comentários, percebemos que, além de negarem o “padrão” de corpo imposto pela sociedade e pela mídia – o do corpo magro, essas jovens identificam um “padrão ideal de mulher brasileira”, no qual se sentem incluídas e querem incluir as demais seguidoras.

“[...] Hoje consigo conviver melhor com meu corpo, acredito que por causa da maturidade (tenho 21), mas durante a adolescência sofri muito com o fato de não entrar numa calça 38, sempre foi 40, 42... até bulimia desenvolvi [...]” (Débora Thalita, 03/06/2013 – Como descobri que nunca fui gorda).

“[...] isso de corpo perfeito pra mim sempre foi uma tortura, na minha família eu era a mais gordinha e entre as amigas também, mesmo nunca tendo sido muito gorda, elas que eram magras demais, algumas pessoas faziam questão de jogar na minha cara que eram mais magras do que eu e isso com o tempo foi mexendo com o meu psicológico, associado a outros problemas desenvolvi anorexia e bulimia, agora sou magra, não tão magra, as mesmas pessoas que antes falavam que eu era gordinha e tal hoje brigam comigo pra eu comer, brigam comigo por causa da minha saúde que fica cada vez mais debilitada [...]” (P., 13/09/2013 - Corpão).

Esses comentários revelam o quanto a obsessão pelo “corpo ideal” pode acarretar danos graves à saúde – em outros casos, até a morte, embora não tenhamos nenhum relato desse tipo.

Tânia Mourão (2008, p. 271) diz que “o ideal de esbelteza, junto com dietas e exercícios emagrecedores, oferecem a ilusão de cumprir, através do corpo, as exigências contraditórias da ideolo-

gia contemporânea de feminilidade”. Isso acontece devido à busca pela esbelteza e à negação do apetite, em que o estabelecimento habitual da feminilidade cruza com uma nova exigência para as mulheres que incorporam os valores “masculinos”, como o autocontrole, o domínio, a determinação, dentre outros.

Não há dúvida de que essas jovens passam pelo efeito contraditório dos padrões difundidos de feminilidade na contemporaneidade: ao mesmo tempo em que preconiza que sejam fisicamente ativas e controlem a dieta de forma saudável, submetem-se a meios não saudáveis para diminuir o peso. No entanto, muitas vezes isso não é necessário para que se aceitem e, conseqüentemente, sejam aceitas pela sociedade, demonstrando que conseguem ter autocontrole e domínio sobre os seus corpos.

Considerando a beleza como um “dever” atribuído às mulheres, um denotativo de caráter (NOVAES, 2006), percebe-se nos comentários dessas jovens que elas se consideram fora do padrão – como as que sofrem de bulimia e anorexia – e acabam se achando fracassadas para si e para a sociedade.

É evidente o quanto as percepções de corpo dessas jovens são influenciadas pela cultura *fitness* e pelo culto das aparências, fazendo com que passem a perceber sua imagem corporal de forma negativa, levando-as a uma aparente infelicidade.

Porém, há jovens que não se deixam influenciar pela percepção de corpo vinda de outras pessoas e pelo “padrão” imposto socialmente; acreditam na sua própria percepção e, com isso, ficam bem consigo mesmas. Elas resistem pela diferença, além de aconselharem outras jovens a não se importarem com a opinião de outras pessoas e da sociedade.

Considerações finais

Em atendimento aos objetivos estabelecidos, este estudo compreendeu a análise dos discursos sobre corpos e seu desdobramento entre mulheres jovens, a partir da pesquisa realizada no

ciberespaço do blog “Depois dos Quinze”, chegando-se às considerações relatadas a seguir.

As postagens selecionadas são tensionadas pelos padrões estéticos de beleza e magreza difundidos pela mídia e reproduzidos pela sociedade, porém seus discursos trazem ressignificações que rompem com o padrão hegemônico. Os comentários do *blog* superam a visão de corpo feminino apresentado pela mídia e publicidade, devido ao empoderamento dessas jovens, as quais formam uma cultura de resistência, em que passam a compor um grupo de estilo que se importa mais com a saúde e os hábitos saudáveis do que com o “padrão” socialmente exigido de corpo. Esse grupo também se aconselha e se empodera através de suas diferenças, compreendendo que coexistem vários corpos na sociedade.

O *blog* “Depois dos Quinze” passa a ser um *lócus* de construção de identidades juvenis a partir das ideias e temas postados, que provocam as jovens a refletirem sobre questões relativas aos corpos enfrentadas no cotidiano.

Tanto as blogueiras quanto as seguidoras são influenciadas pela idealização de corpos presentes na cultura *fitness* e, apesar de essas jovens se sentirem pressionadas pela sociedade em relação a um padrão corporal, ocorrem questionamentos que são visibilizados no *blog*.

A maioria delas reage a essa cilada questionando os “padrões” de corpo impostos pela sociedade e pela mídia, admitindo a existência de um “padrão ideal de corpo de mulher brasileira” – caracterizado por quadril largo e coxas grandes – e identificando-se com essa representação de corpo.

Enfim, cabe pontuar a necessidade de outras pesquisas que busquem compreender os modos de subjetivação e as resistências construídas por jovens no ciberespaço, sendo esse espaço privilegiado para tais reflexões.

Referências

ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

CARLI, Daniel Michelin de *et al.* Geração Y e a indústria de software do Brasil. *In*: (Ed.). **Simpósio Brasileiro de Sistemas de Informação**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011. p. 346-356.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set. /out. /nov. /dez. 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

Depois dos quinze. Disponível em: <http://www.depoisdosquinze.com>. Acesso em: 08 mar. 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Éditions Gallimard, Paris, 1971.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da resistência juvenil**: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOELLNER, Silvana. A cultura *fitness* e a estética do comedimento: as mulheres, seus corpos e aparências. In: STEVENS, C. M. T.; SWAIN, T. N. (Eds.). **A construção dos corpos**: perspectivas feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.

KRÜGER, Fernando Luiz; CRUZ, Dulce Márcia. Jogos (virtuais) de simulação da vida (real): a geração Y e o The Sims. In: (Ed.). **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Porto Alegre: Intercom, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MOURÃO, Tânia Fontenele. Mutilações e normatizações do corpo feminino - entre a bela e a fera. In: STEVENS, C. M. T.; SWAIN, T. N. (Eds.). **A construção dos corpos** - perspectivas feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008. cap. 11.

NOVAES, Joana de Vilhena. **O intolerável peso da feiúra**: sobre as mulheres e seus corpos. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Garamond, 2006.

OLIVEIRA, Sidnei. **Geração Y** - O nascimento de uma nova versão de líderes. São Paulo: Integrare, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. quadrimestral, n. 22, dez. 2003.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas e Florianópolis: Editora Autores Associados e Editora da UFSC, 2001.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Trad. Daniel Grassi.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan.-abr. 2005.

Financiamento

A presente pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.